



USO DE TARSORRAFIA E PLASMA AUTÓLOGO PARA TRATAMENTO DE CERATITE ULCERATIVA EM TUCANO-TOCO (*Ramphastos toco*) – RELATO DE CASO

Carlos Torres Ribeiro¹; Naiara Barroso Maran²; Elise Miyuki Yamasaki²; Vanessa Deslandes Maeckelburg²; Raphael Estupinham Araújo³.

¹Ex-Médico Veterinário do CETAS; ²Graduando Medicina Veterinária UFRRJ; ³Médico Veterinário Autônomo. raphavetrural@gmail.com.

Lesões de córnea decorrentes de traumatismo são comuns em aves de rapina, mas existem poucos relatos em literatura acerca de sua ocorrência e terapia nas outras aves. O presente trabalho descreve a utilização de tarsorrafia e plasma autólogo para o tratamento de ceratite ulcerativa em tucano-toco (*Ramphastos toco*). O animal foi recebido no Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS - IBAMA - RJ), junto com outro indivíduo, dentro de uma pequena gaiola. Durante o recebimento, a ave foi encaminhada ao ambulatório por apresentar blefaroespasma intenso. Ao exame clínico, observou-se laceração profunda e extensa de córnea, positiva para fluoresceína, provavelmente associada a agressões intra-específicas. Estabeleceu-se, então, terapia com sulfato de condroitina (Dunason®, 1 gota t.i.d.), gentamicina (Gentamicina colírio®, 1 gota t.i.d.) e ciprofloxacino (Biamotil oculum®, 1 gota t.i.d.). No terceiro dia, optou-se pela realização da tarsorrafia temporária, mantendo-se os colírios. Para tal procedimento, o animal foi sedado com cloridrato de quetamina (Dopalen®, 30 mg/kg) e as pálpebras, unidas com dois pontos em “U”, utilizando-se fio de nylon 4-0. Assim permaneceram por três dias, quando então os pontos foram arrancados pelo próprio animal, sem lesionar as pálpebras. A partir daí, a terapia foi complementada com a aplicação de plasma autólogo, obtido a partir de sangue coletado com anticoagulante (EDTA) e centrifugado. Depois de separado, o plasma foi, armazenado em frasco de colírio e refrigerado, sendo administrado no olho lesado em forma de gotas (1 gota, t.i.d.). Durante o tratamento, exames periódicos do olho eram realizados com o teste da fluoresceína, a fim de acompanhar a recuperação da lesão, bem como eficácia da terapia. Noventa dias após o início do tratamento a ave recebeu alta. Apesar da retirada precoce da tarsorrafia pelo próprio animal, observou-se melhora expressiva da lesão. Além disso, sua utilização associada ao plasma mostrou-se eficaz para o tratamento da ceratite ulcerativa, permitindo completa cicatrização da córnea, sem prejuízos à capacidade visual da ave.